

FILOSOFIA DA LIBERTAÇÃO E LITERATURA: UM DIÁLOGO SOBRE EXTERIORIDADE E ALTERIDADE

Leandro De Bona Dias¹
debona12@hotmail.com

RESUMO

O presente ensaio busca refletir sobre o conceito de exterioridade a partir da Filosofia da Libertação de Henrique Dussel (1977), enfatizando o papel da literatura na formação de um sujeito capaz de, por meio da alteridade, enxergar a exterioridade do outro, vendo-o como uma extensão de si mesmo. A Filosofia da Libertação nos alerta para a distância causada pelos meios de produção que nos impele a ver o outro como uma coisa-sentido, uma simples extensão de sua função na sociedade. Diante disso, meu texto pretende demonstrar, com uma visão de literatura pautada, principalmente, em Antonio Candido (2004) e Umberto Eco (2003), que o texto literário atua, assim como outros fenômenos estéticos e artísticos, como ferramenta para a libertação do outro em mim, sendo detentora dessa potência capaz de nos sensibilizar e de nos fazer enxergar o outro não como uma mera coisa-sentido, mas como um cúmplice de minha existência.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Alteridade; Exterioridade.

PHILOSOPHY OF LIBERATION AND LITERATURE: A DIALOG ABOUT EXTERIORITY AND OTHERNESS

ABSTRACT

The present essay aims to think about the concept of exteriority, from the Enrique Dussel's (0000) Philosophy of Liberation point of view, emphasizing the literature as an instrument to put the subject in contact with the otherness in order to see the other's exteriority, taking the other as an extension of myself. The Philosophy of Liberation shows the distance caused by the means of production that pushes us to see the people as a sense-thing, a simply extension of his/her function in the society. Therefore, my text aims to demonstrate, since a vision of literature based, mainly, in Antonio Candido (2004) and Umberto Eco (2003), that the literary text acts, as other artistic and aesthetics' phenomenon, as a tool to liberation of the other in myself, carrying this capacity of sensitizes us and makes us see the other not as sense-thing, but as a accomplice of my existence.

KEYWORDS: Literature; Otherness; Exteriority.

¹ Graduado em Letras: Português/Inglês e Mestre em Educação pela Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. Bolsista do Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições Comunitárias de Educação Superior – PROSUP/CAPES.

1

“É preciso ler”. Iniciar um texto com tal afirmação beira o lugar comum, visto que o discurso corrente em nossa sociedade enfatiza a leitura como uma espécie de ato redentor. São diversas as ações propostas por órgãos, governamentais ou não, com o intuito de promover o acesso à leitura nos mais variados espaços, sendo a escola um lugar privilegiado para a concretização da apologia à essa prática. Tais atitudes são louváveis, contudo, a condução de algumas dessas atividades desliza em alguns, digamos, mal-entendidos. Seja por uma ausência de clareza conceitual acerca do que se propõe fazer ou, não quero crer, por desleixo, o incentivo à prática de leitura se resume a um grupo de ações puramente cênicas, com o objetivo único de confortar a nossa consciência pedagógica. Encarar o ato de leitura não como mero exercício escolar que tem um fim em si mesmo, reduzindo a literatura à “hora da leitura”, que nem sequer tem a duração reclamada pelo título, mas como possibilidade de evocar a sensibilidade do leitor, de provocá-lo, de proporcionar uma experiência próxima do que se pode chamar de alteridade; essa é a ideia que pretendo esboçar ao longo deste ensaio.

O que proponho é uma reflexão sobre o papel que a literatura exerce na formação de um sujeito capaz de enxergar a exterioridade do outro, vendo-o como uma extensão de si mesmo. Uma das bases teóricas de que parto para realizar tais ponderações é a do filósofo argentino Enrique Dussel e da sua Filosofia da Libertação. Com base nele e em outros autores, defenderei aqui uma visão que aponta a arte e, neste caso específico, a literatura como uma possibilidade de despertar esse olhar para o outro a fim de compreendê-lo não como uma coisa-sentido (DUSSEL, 1977), um simples objeto a mais no mundo, mas como alguém, como um ser diferente de mim, dono de uma história, de uma voz e de necessidades. A partir dessa perspectiva, compreendo, reportando-me ao filósofo russo Mikhail Bakhtin, que a vida de cada um não pode ser encarada como um acontecimento individual, sendo o outro não mais um competidor a ser batido, mas um cúmplice de minha existência.

2

A Filosofia da Libertação nasce como uma tentativa de dar voz aos continentes periféricos (Ásia, África e América do Sul), mostrando que a História tal qual a conhecíamos havia nos sido contada do ponto de vista do conquistador Europeu e, portanto, reservava a ele o protagonismo de suas narrativas. Num processo que contempla o dizer de Walter Benjamin (1987, p. 225) sobre a necessidade de “escovar a história a contrapelo”, Enrique Dussel, em

conjunto com outros colegas, inicia na década de 1960 um processo de (re)construção da História a partir do ponto de vista sul-americano, daí nasce a Filosofia da Libertação, que tem como um de seus fundamentos, e aquele sobre o qual aqui me debruçarei, o conceito de exterioridade do homem. Para Dussel, o sistema de dominação dos povos periféricos dá-se com base na ideia de que esses deveriam ser considerados inferiores, bárbaros, com um traço quase invisível de humanidade. A única possibilidade de torná-los “humanos” seria igualá-los ao seu conquistador, qualquer outra alternativa justificaria a violência e a coerção destes povos bárbaros que “negavam civilizar-se”.

A lógica acima exposta apenas segue a receita dada por René Descartes e seu *ego cogito*, donde o ser, entenda-se o europeu civilizado, cria um conceito fechado de homem racional. Digo fechado porque a partir dele qualquer outro entendimento da figura humana que estivesse fora dos limites que esse conceito abarca seria considerado bárbaro, não-humano, e por isso suscetível ao julgo daquele que assim o (des)valorizou. A contribuição que o filósofo argentino traz reivindica uma mudança de perspectiva, para ele não há como conceituar “o homem”, ou seja, a questão sobre a qual a filosofia se ocupou desde o seu início é impossível de ser respondida, senão com o risco de tornar o autor da resposta um regulador da verdade. A saída para Dussel é uma outra metafísica, a metafísica da exterioridade, vejamos mais dela a seguir.

Se devemos abandonar a busca por uma resposta à essência do homem, o que nos resta é reconhecer a sua exterioridade. Tal característica é anterior a qualquer outra coisa, anterior à própria anterioridade, dirá Dussel (1977), dessa forma a relação do homem com o homem é a relação primeira de qualquer ser humano e a responsabilidade para com o outro deve ser encarada como um dever. Deslocar o esquema homem-natureza, que pressupunha uma relação de dominação, para o de homem-homem é a ideia da Filosofia da Libertação. Aqui, o outro não pode ser apreendido por uma definição, o que nos leva ao conceito de exterioridade, que para Dussel será a capacidade do outro ser diferente de nós, de poder viver a sua alteridade. Porém a exterioridade do outro não é vivida isoladamente, é preciso que a voz desse outro seja ouvida e que a responsabilidade por ele seja sentida, o que nos leva ao termo *proximidade*, também citado pelo argentino. Lembrando a frase com que iniciei este texto, à exposição acima creio que também não haja grandes divergências, afinal, o discurso em voga é o de que devemos ser solidários, zelar pelo meio-ambiente, enfim, a ideia de uma consciência social e ambiental é ponto pacífico em nossa sociedade². Contudo, e mais uma

² Cabe lembrar aqui as mudanças governamentais recentes, em especial no Brasil, e o risco iminente de que a compreensão sobre questões ambientais sofra decisivas e drásticas mudanças no próximo governo.

vez me perdoem a redundância, a distância entre discurso e prática ainda não está superada. E aqui me permitam inserir uma fala de Dussel (1977, p. 46) que ajuda a esclarecer um importante ponto:

[...] o rosto de outro homem se apresenta em torno de nós como uma simples coisa-sentido a mais. O chofer do táxi dá a impressão de um prolongamento mecânico do carro, a dona de casa como um momento a mais da limpeza e da arte culinária; o professor como um ornamento da escola, o soldado como um membro do exército...Parece que é difícil isolar o outro homem de seu sistema onde se encontra inserido.

O que o pequeno trecho acima nos diz serve para mostrar como, mesmo com todo o discurso de que devemos ser responsáveis pelo outro, ainda é evidente que o modelo de sociedade em que vivemos reduz esse outro a um objeto a ser consumido, ignorado ou rejeitado. Enxergar o indivíduo com o qual nos relacionamos sem que nos perguntemos como ele nos pode ser útil é quase um sacrilégio, uma falha dentro do sistema econômico e social no qual estamos inseridos. A utilidade de uma pessoa dentro de tal sistema torna-se o critério único para classificá-la como digna ou não de nossa atenção. Dentro desse panorama, o que nos convoca a essa proximidade com o outro são momentos tais como quando, ainda segundo Dussel (1977, p.46) “[...] de repente o chofer do táxi se apresenta como amigo e nos diz: - Como vais? [ou quando alguém nos grita na rua] Uma ajuda, por favor!’ ou – “Estou com fome; dê-me de comer!”. Se, nas palavras de Theodor Adorno (1985, p. 20), “[n]a medida em que cresce a capacidade de eliminar duradouramente toda miséria, cresce também desmesuradamente a miséria enquanto antítese da potência e da impotência”, é preciso lembrar que à racionalidade não cabe o papel de vilã, mas que a crítica deve se dar ao modo pelo qual e com qual finalidade ela é posta em prática. Diante do exposto, um caminho possível para despertar no homem a sensibilidade para conseguir enxergar essa exterioridade do outro reside na arte e, portanto na literatura, tema sobre o qual me ocuparei na seção a seguir.

3

Tendo discutido, ainda que brevemente, o conceito de exterioridade no contexto da Filosofia da Libertação, faz-se necessário agora explicitar de que ponto de vista teórico falo quando me refiro à literatura. Diante do enorme número de teorias que se ocupam em tentar explicá-la, irei me apoiar aqui na definição que traz Antonio Candido (2004) em seu

ensaio intitulado **O direito à literatura**. Nele, o autor chama de literatura as criações que possuem um toque poético, ficcional ou dramático; afirmação que vem muito a calhar com a argumentação proposta no texto de Candido e da qual compartilho, a de que o homem necessita imaginar, sonhar, e por isso a literatura se converte em um direito, visto que a fabulação é imprescindível ao homem e a ela nenhum de nós escapa.

Voltando à Dussel, é possível ver que o outro deve ser percebido como um fenômeno diverso de mim e que, não podendo ser compreendido de forma total (o que nos faria voltar a um esquema de coisas fechadas) deve ser respeitado dentro dessa impossibilidade de apreensão. Dentro desse contexto, a literatura pode funcionar para que nos coloquemos em contato com essa alteridade negada. A leitura de uma obra literária pode oferecer a possibilidade de nos vermos diante de personagens e situações com as quais nos envolvemos, às vezes mais, outras menos, mas que de alguma forma conseguem nos fazer imergir por algum tempo em um ambiente diferente daquele a que estamos habituados. Ainda que a história contada se passe em um local semelhante àquele em que vivemos, ela não é a *nossa* história, mas a história do outro. Contudo, nela, as atribulações das personagens *são e não são* as nossas, os dilemas *são e não são* os nossos, isso porque, por menor que seja o nosso envolvimento com a narrativa, por algum tempo somos convidados e forçados a ouvir o outro e a ponderar o quanto de nós pode estar ou não presente nele. Encaramos aí a alteridade.

Devo fazer uma ressalva para dizer que não encaro a alteridade de modo romantizado, ou seja, a experiência com o outro é também tensa. Retomando o argumento de Adorno, é possível ler em Benjamin (1987, p. 225), a respeito da relação entre racionalidade e estética, que “[n]unca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie”. A experiência literária, portanto, também deve ser encarada dentro dessa contradição”. Assim, a alteridade, a abertura à exterioridade do outro nos demandaria um encontro com a perda de si como algo integral e racional. No limite, a perda ou o questionamento da própria noção de racionalidade. Contudo, durante a leitura do texto literário é possível que se desenvolva aquilo que Antonio Candido chamará de processo humanizador, sendo isto definido, nas palavras do autor, como

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (2004, p. 180)

Tendo isso em vista, posso reafirmar que o contato com a literatura é capaz de nos fazer encarar o mundo nos fazendo considerar o ponto de vista do outro, nos mostrando a limitação de nosso olhar. Basta ter em vista o simples fato de que de onde estou posso ver o que está às costas daquele com que está a minha frente, mas serei sempre incapaz de ver aquilo que está às minhas próprias costas. Esse exemplo o retiro do texto de Katerina Clark e Michael Holquist em seu livro sobre Mikhail Bakhtin que leva o nome do filósofo como título. No capítulo **A arquitetônica da responsabilidade** os autores exploram a obra bakhtiniana e a relação do *self* (o eu) com o outro para mostrar que aquele é sempre incompleto e necessita do outro para existir. O termo utilizado por Bakhtin, *excedente do ver*, indicaria aquilo que apenas eu, de onde estou, de meu lugar e espaço na existência, posso enxergar e que vai além do que qualquer outra pessoa pode ver, por isso excede. Contudo, desse lugar sou “eu a mim mesmo que eu não posso ver” (CLARK; HOLQUIST, 2008, p. 96). Ou seja, a busca pelo outro é também uma busca por mim mesmo. Mas para afirmar defender esse argumentado eu não precisaria ir tão longe, posto que Paulo Freire já o enunciava em 1981 (p. 17) ao dizer que “[...] nenhum de nós está só no mundo. Cada um de nós é um ser no mundo, com o mundo e com os outros”.

Um último aspecto a respeito ainda do texto literário é o de que ele também, segundo Umberto Eco, nos ensina a morrer. Nas narrativas, embora possamos lê-las diversas vezes, em nenhuma momento podemos modificar o que está escrito. Não podemos alterar o destino, salvar Hamlet ou outro qualquer herói trágico de sua sina. Como dirá Fernando Pessoa (2007, p. 188): “Livros são papeis pintados com tinta”, por isso “O leitor tem que aceitar esta frustração, e através dela experimentar o calafrio do destino” (ECO, 2003, p. 20). Na literatura, portanto, somos obrigados a encarar essa perda do controle sobre aquilo que acontece na narrativa e forçados a aceitar os fatos postos no papel. Do mesmo modo como as personagens, ao mesmo tempo em que nos escapam, só vivem porque as lemos, assim podemos lidar com a exterioridade do outro, com a sua primordial diversidade e proximidade de nosso eu. Sem a necessidade de apreendê-los totalmente, nem as personagens e nem o outro podem ser submetidos ao meu jugo.

Para finalizar, reitero que assumir que precisamos do olhar do outro tanto quanto necessitamos dispor o nosso olhar *para* o outro impossibilita a crença numa existência sem que se considere a alteridade e, conseqüentemente, a presença do outro como exterioridade e proximidade. A Filosofia da Libertação nos alerta para a distância causada pelos meios de produção que nos impelem a ver o outro como uma coisa-sentido e, nesse contexto, a literatura pode atuar, assim como outros fenômenos estéticos e artísticos, como ferramenta

para a libertação do outro em mim, sendo detentora dessa potência latente capaz de nos sensibilizar e de nos fazer exceder nossa visão sobre o outro.

Referências:

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: _____. **Obras escolhidas, V.1: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 222-234.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: _____. **Vários Escritos**. SP-RJ: Duas Cidades, Ouro sobre Azul, 2004. p. 169-191.

CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. **Mikhail Bakhtin**. Tradução de J. Guinsburg. Cambridge, Mass: Perspectiva, 2008.

DUSSEL, Enrique. **Filosofia da Libertação na América Latina**. Tradução de Luiz J. Gaio. São Paulo: Loyola / Unimep, 1977.

ECO, Umberto. Sobre algumas funções da literatura. In: **Sobre a literatura**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 9-22.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 25 ed. São Paulo: Ed. Cortez, 1981.

PESSOA, Fernando. **Fernando Pessoa: Obra poética: volume único**. Rio de Janeiro :Nova Fronteira, 2007.